



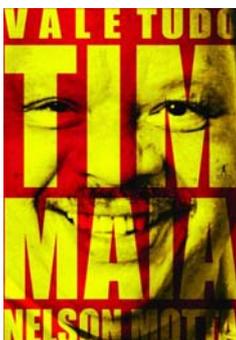
## O som das palavras

O mercado de audiolivros que nos Estados Unidos já responde por cerca de 10% do volume total de vendas das editoras, ainda engatinha no Brasil, porém a idéia dos editores brasileiros é entrar pesado no mercado e esse quase nada ao melhor que podemos ter.

No início de julho, a Plugme – nova editora do grupo Ediouro – lançará no país 16 títulos em formato de CD, e outros exclusivamente para download em MP3, entre eles títulos da Coleção "Folha explica" (Chico Buarque, Machado de Assis e Clarice Lispector)

Com tiragem inicial de 5.000 cópias, cada lançamento em CD vai custar entre R\$ 24,90 e R\$ 29,90. Já os arquivos para baixar pela Internet ficarão entre R\$ 14,90 e R\$ 19,90. Depois desse primeiro pacote, a Plugme pretende lançar de dois a quatro novos títulos por mês.

Os textos escolhidos pela editora foram adaptados e os arquivos de áudio terão entre cinco e oito horas de duração. No primeiro pacote da Plugme há best-sellers como "Alô, Chics!", narrado pela própria autora, a consultora de moda Gloria Kalil e "Uma Vida Inventada", livro de memórias de Maitê Proença, lido pela própria atriz, num "duo" com Irene Ravache.



Em alguns casos, a narração lançará mão de um expediente comum ao audiolivro no exterior: a contratação de atores famosos - caso de Milton Gonçalves, que lê "A vida como ela é", de autoria de Nelson Rodrigues; de Humberto Martins, que lê o best-seller "Marley e eu"; de Paulo Betti, que deu voz a "A lição final", livro em que o professor americano Randy Pausch fala de sua vida depois de receber o diagnóstico de uma doença terminal e de Nelson Motta que faz imitações na biografia de Tim Maia em "Vale tudo – o som e a fúria de Tim Maia".

Não é uma experiência que se limita ao deficiente visual. Está sendo considerado que as pessoas poderão escutar um livro enquanto realizam outras atividades, como por exemplo no carro, no ônibus, no metrô, praticando exercícios físicos, dentre outras situações que fazem parte do nosso dia a dia. O audiolivro visa proporcionar mobilidade com o prazer da leitura.

Para ouvir trechos de alguns áudios acima citados acesse o endereço abaixo e experimente a sensação do som das palavras.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/podcasts/ult10065u408332.shtml>

Professoras ouvidas pela Folha são otimistas em relação ao investimento, ainda que com ressalvas.



Para as professoras entrevistadas, áudio não substitui leitura, mas amplia o conhecimento. A professora Neide Luzia de Rezende, da Faculdade de Educação da USP, sustenta que "o áudio abre mais uma possibilidade de acesso ao livro". Numa primeira avaliação, a professora não acredita que o formato possa representar uma ameaça para o livro impresso, num mercado de poucos leitores como o brasileiro.

"Acho que quem lê literatura de qualidade não deixará de ler o livro no papel, ainda que eventualmente possa ouvir o áudio", afirma Neide.

"O impresso traz a relação direta de leitor e texto, sem outras intervenções interpretativas, o que faz toda a diferença, além de outras particularidades. Áudio e impresso são coisas muito distintas".

A professora Lilian Jacoto, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, concorda que o audiolivro pode vir a ocupar um lugar de "razoável importância" na realidade do estudante e do trabalhador brasileiros, sobretudo nos grandes centros urbanos.

*"Para os que atravessam horas do dia confinados num ônibus, num trem, no metrô, a audição de um livro é uma forma de aproveitamento do tempo ocioso, talvez mais produtiva do que a própria leitura, que, para muitos, requer esforço não disponível no momento."*

Lilian Jacoto defende ainda que o meio auditivo em nada deixa a desejar na aquisição da informação e, apesar de não substituir a leitura, pode aprimorar o processo de inteligência.

"O audiolivro é uma boa alternativa também aos que evitam ler justamente por não terem desenvolvido uma fluência do discurso verbal que se adquire pelos hábitos da leitura e da escrita".

A audição, ao menos no tocante aos bons textos, ensina a ler, a escrever e a pensar de forma lógica, clara, e até bela, se calhar, acrescenta a professora, ressaltando ainda que a cultura antiga era predominantemente auditiva. O que se deve discutir é sempre, portanto, o que ouvir e para quê", conclui.